



Qualquer coisa de mentira e de verdade quando se puxa pela memória

O espectador quer saber se o estão a enganar. A Companhia Maior estreia duas peças em que a linha entre a realidade e ficção vacila.

Catarina Moura

O pior sentimento é sermos descobertos depois de dizermos uma mentira insignificante” - é uma frase para eliminar no início de um dos ensaios da Companhia Maior, avisa o encenador Jorge Andrade. Era uma das enunciações de um texto que vive sempre do superlativo: a sensação mais assustadora do mundo, a melhor maneira de morrer, a coisa mais engraçada da net, dizem os onze actores com mais de 60 anos - é condição para se pertencer a esta companhia -, como se revelassem conclusões conquistadas ao longo da vida. Mas ninguém viveu nada disto, é tudo mentira. *O melhor e o mais rápido, o pior e o mais triste, o mais longo, o mais complexo, o mais complexo e o mais divertido* é uma co-produção da Companhia Maior com Mala Voadora e está no CCB, no Pequeno Auditório, de 24 a 27 de Outubro. O texto de Tim Etchells, o convidado da bienal Artista na Cidade de Lisboa 2014, socorre-se da obsessão do dramaturgo por listas: encadeiam-se situações, juízos, conselhos numa hierarquia pessoal - “o mais” e “o menos”. Ao mesmo tempo, mas no edifício da Companhia Nacional de Bailado, os actores da Companhia Maior que faltam na peça do CCB estão a ensaiar *Um de Nós*, que se estreia no Maria Matos a 29 de Outubro. São sete e estão semi-nus numa cama três vezes maior que as normais camas de casal: dizem o que sabem primeiro sobre a política - “na política tens de reconhecer cores”; “na política tens de ser sempre sincero, sobretudo ao mentir”. Depois toca *Um grande, grande amor* de José Cid: “no amor tens de dizer sempre a verdade mas nunca toda a verdade”; “no amor tem de haver sinceridade, sobretudo com todas as doenças que agora para aí andam”. Na terceira parte, chega-se a um lugar mais íntimo. Revelam-se factos triviais. Outros são delicados - “um de nós já pensou mais do que uma vez em suicídio”, “um de nós já desejou a morte do pai”. Outros ainda são factos que não precisávamos de saber - “um de nós, depois de limpar o rabo, cheira sempre o papel higiénico”. Nem sempre estamos preparados para acreditar em tudo o que se diz. Mas alguém viveu isto, é tudo verdade.

Na cama

Peter Vandenbempt pertence à companhia belga Tristero e escreveu e encenou este texto, que estreou há dez anos com um elenco mais jovem. “As pessoas mais velhas têm mais arrependimentos, mas por outro lado têm menos angústias, menos ansiedades em relação à vida”, conta. Apercebeu-se disto nos inquéritos com que construiu a última parte do espectáculo: criou um endereço de email e através dele todos os actores lhe enviaram memórias profissionais que agora dizem descontraidamente na cama, sem saberem a quem pertencem. “Se soubéssemos de quem estamos a falar, iam colocá-lo numa prateleira”, diz

o encenador, que lembra que é isso que fazemos com os políticos, de quem se fala no início da peça sempre generalizando. “Quando estamos a falar de alguém é melhor não sabermos de quem estamos a falar”, insiste.

“Nunca falámos disso nem tentámos descobrir quem é que escreveu o quê”, conta Carlos Fernandes, um dos actores. Ainda assim, memórias reais são um material inflamável: “No princípio foi como um pontapé, começou por ser muito forte: quando falamos da infância ou da mãe que morreu”, lembra o actor. Tratar este texto como outra ficção qualquer passou a ser questão de defesa, explica. Instala-se assim um jogo: o espectador procura nas caras de cada um dos actores sinais que denunciem a mentira ou o culpado: quem é quem? A confusão entre a ficção e realidade é intencional - afinal, lembra Carlos, o teatro é o lugar do “faz de conta”.

É deste “faz de conta” que Jorge Andrade está à procura na outra encenação da Companhia Maior, no CCB. O cenário que se vai montar procura “um teatro mais teatral” que “recupera a tradição do artifício”: é um telão com uma fotografia em tamanho real - ou próximo disso - de um dos interiores do Palácio Foz, em Lisboa. O telão prolonga-se pelo chão e cobre alguns dos sofás em cena de modo a criar a ilusão óptica de que eles não existem.

Tal como o cenário que quer ludibriar, o elenco e o encenador pro-

curaram “a dúvida ideal” entre ficção e realidade, que impede o espectador de saber se estas pessoas viveram aquilo de que estão a falar, diz Jorge Andrade. Era também a ideia de Tim Etchells que quis desenhá-la uma “zona cinzenta entre o intérprete e o seu papel”, escreve na folha de sala de “O melhor e o mais rápido...”.

“Procurei trazer teatralidade àquele espaço de diversas formas”, diz Jorge Andrade, que expõe a construção desta ficção. “A melhor maneira de morrer é, numa tarde de domingo, ir ao cemitério...”, começa um dos actores e logo outro interrompe: levanta-se e põe uma música melancólica na aparelhagem. Pouco depois, uma das atrizes fala com uma voz sensual no fundo do palco: “as melhores conversas têm bastantes silêncios”. Mais à frente duas atrizes querem dizer que “o melhor lugar para ter sexo é a praia. Estar deitado na areia é morno e fresco ao mesmo tempo”.

“É como potenciar os melhores momentos da vida de cada um para construir aquilo que poderia ser um espectáculo perfeito: que tem um momento triste, um momento solitário, um rápido, um mais lento, um mais complexo”, explica o encenador. Ou até um momento mais surpreendente, como aquele em que, depois de se dizer que “o maior prazer da vida é a leitura”, ou “uma viagem”, ou “uma história”, alguém desmente tudo e diz: “o maior prazer é a heroína.”